

# INCLUSÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE PROFESSORES SURDOS E ESTUDANTES OUVINTES

## *LINGUISTIC INCLUSION IN HIGHER EDUCATION: A CASE STUDY OF THE EXPERIENCE BETWEEN DEAF TEACHERS AND HEARING STUDENTS*

Adriana da Silva Ramalho (IFMG)

Raquel de Fátima Feitosa da Silva (IFMG)

Ricael Spirandeli Rocha<sup>1</sup> (IFMG)

**RESUMO:** Na contemporaneidade, marcada por avanços na inclusão educacional e participação das pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho, compreender os desafios enfrentados por professores surdos e explorar práticas que promovam o ensino eficaz de Libras torna-se essencial. Esta pesquisa objetivou examinar a interação entre professores surdos e estudantes ouvintes em uma turma de ensino superior, especialmente no curso de Pedagogia, destacando o protagonismo surdo na academia e a necessidade de superar o preconceito linguístico e as barreiras atitudinais. Utilizando uma abordagem qualitativa, por meio do relato de experiência, buscou-se descrever e analisar eventos específicos em um contexto particular. Ao longo da história, os surdos enfrentaram diversas formas de violência, como exclusão social e proibição do uso da Língua de Sinais, evidenciando a persistência do preconceito. Este estudo ressalta a importância de reconhecer e valorizar a identidade cultural dos surdos, visando à construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Libras; Estudantes ouvintes; Segunda língua; Deficiência auditiva; Surdo.

**ABSTRACT:** *In contemporary times, marked by advances in educational inclusion and the participation of people with disabilities in society and the job market, understanding the challenges faced by deaf teachers and exploring practices that promote effective teaching of Brazilian Sign Language (Libras) becomes essential. This research aimed to examine the interaction between deaf teachers and hearing students in a higher education classroom, especially in the Pedagogy course, highlighting the deaf protagonism in academia and the need to overcome linguistic prejudice and attitudinal barriers. Using a qualitative approach through*

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Arcos. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) - Campus Avançado Arcos; Mestre em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM); Professor de Educação Básica de cursos técnicos pela Secretaria Estadual de Minas Gerais (SEE/MG). Integrante do grupo de pesquisa "GPETEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Ciências", na linha de pesquisa "Desenvolvimento de aplicativos tecnológicos e softwares educacionais", do IFTM Campus Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1404009779475100>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3190-7513>. E-mail: [ricael.edu@gmail.com](mailto:ricael.edu@gmail.com)

*the experience report, specific events in a particular context were described and analyzed. Throughout history, deaf individuals have faced various forms of violence, such as social exclusion and the prohibition of using Sign Language, highlighting the persistence of prejudice. This study emphasizes the importance of recognizing and valuing the cultural identity of deaf individuals, aiming to build a more inclusive and respectful society.*

**KEYWORDS:** Libras; Hearing students; Second language, Hearing impairment, Deaf.

## INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde a Lei nº 10.436 de 22 de abril de 2002 (Brasil, 2002). Esta legislação, complementada pelo Decreto 5.626/05, estabelece a obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de formação de professores, tanto no nível médio quanto no superior, e em cursos de Fonoaudiologia, em instituições de ensino público e privado (Brasil, 2005). Essa iniciativa reflete o reconhecimento da diversidade linguística e a necessidade de inclusão das pessoas surdas na sociedade.

No contexto atual, em que avanços recentes foram feitos no sentido da inclusão no sistema educacional e da promoção da participação ativa das pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho, é fundamental compreender os desafios enfrentados pelos professores surdos, bem como explorar as perspectivas e práticas que apresentam orientações para um ensino eficaz de Libras.

Dessa forma, este estudo tem como foco o ensino de Libras como segunda língua (L2), com ênfase na abordagem de uma professora surda. Tal contexto apresenta desafios únicos, uma vez que uma professora precisa lidar com a tarefa de ensinar Libras a alunos, os quais muitas vezes não têm familiaridade com essa língua. A pesquisa que embasa este estudo é pautada na comunicação entre o professor e os alunos, destacando as barreiras comunicacionais decorrentes das diferentes estruturas gramaticais entre Libras, de natureza espaço-visual, e a Língua Portuguesa, de natureza oral-auditiva.

Destarte, esta pesquisa objetivou examinar a interação entre professores surdos e estudantes ouvintes, assim como o processo de ensino e aprendizagem em turmas de

ensino superior, especificamente no contexto do curso de Pedagogia. Isto é, destacar o protagonismo surdo na ocupação dos espaços acadêmicos, abordando também a necessidade de superar o preconceito linguístico e as barreiras atitudinais ainda presentes na sociedade.

O percurso metodológico ocorre a partir da revisão bibliográfica, se desdobrando para o relato de experiência de natureza qualitativa, identificando as dificuldades enfrentadas tanto pela professora quanto pelos alunos durante as aulas de Libras no curso de Pedagogia. Pretende-se, assim, contribuir para a formação de futuros pedagogos mais capacitados para lecionar para alunos surdos, e, por conseguinte, para a melhoria da educação de deficientes auditivos no país.

## **A HISTÓRIA DA COMUNIDADE SURDA AO LONGO DOS SÉCULOS**

Desde o início, a trajetória dos surdos não foi simplificada, e atualmente não é muito diferente, apesar dos avanços na comunicação inclusiva. Compreender as pessoas surdas em diversos períodos históricos lança luz sobre múltiplas perspectivas de sua história, tanto no presente quanto no passado, permitindo-nos enxergá-las como sujeitos conscientes de sua identidade e de seu papel na sociedade (Strobel, 2008).

No Egito, os surdos eram reverenciados como sujeitos que mantinham uma comunicação silenciosa com os deuses, o que lhes conferia um status de respeito e proteção. No entanto, faltava compreensão sobre como educá-los. Em contrapartida, em Roma, os surdos eram tratados com crueldade, sendo vistos como punidos ou enfeitados, e frequentemente eram abandonados ou jogados no rio Tigre como solução para o “problema”. Aqueles que sobreviviam ou eram ocultados pelos pais enfrentavam uma vida de escravidão, conforme registrado por Carvalho (2007).

Já na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e uma fonte de incômodo para a sociedade, resultando em sua condenação à morte ao serem lançados do alto dos rochedos de Taygéte, nas águas de Barathere. Aristóteles, o filósofo, afirmava que “de todas as sensações, é a audição que mais contribui para a inteligência e o conhecimento”, implicando que os surdos, por não possuírem essa capacidade, eram desprovidos de racionalidade.

Tanto na civilização grega quanto na romana, os surdos eram desumanizados, pois a fala era considerada a manifestação do pensamento. Portanto, se alguém não falasse, era automaticamente considerado incapaz de pensar e, conseqüentemente, privado de direitos fundamentais como educação, herança e casamento.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica desempenhou um papel importante na discriminação das pessoas com deficiência porque, para a Igreja Católica, os humanos foram criados à “imagem e semelhança de Deus”. Assim, quem não atende a esse padrão é deixado de lado e não é considerado ser humano. No entanto, isso preocupava as igrejas, especialmente aquelas associadas a famílias ricas (Honora, 2009, p. 19).

Com a ajuda de alguns monges que estavam em clausura devido a questões doutrinárias e disciplinares da Igreja, houve a primeira tentativa de criar uma linguagem gestual para que os surdos tivessem a oportunidade de entender determinadas formas de comunicação. Esses padres praticavam o chamado Voto de Silêncio, no qual não podiam conversar por meio da fala, mas se comunicavam por gestos criados por eles.

Um dos pioneiros foi o padre espanhol Pedro Ponce de León, cujos métodos foram sistematizados e aperfeiçoados por um conterrâneo, Juan Bonet, autoproclamado “inventor da arte de ensinar o surdo a falar”. Bonet publicou um manual de ensino com línguas de sinais próprias, um alfabeto digital e métodos de manipulação do aparelho fonador e da musculatura orofacial, além da leitura labial.

O francês Jacob Pereire introduziu pontuação, acentuação e números à língua de sinais. Já o alemão Johann Amman e o britânico John Wallis, pioneiros na educação de surdos em seus países, admitiam os sinais apenas como uma “ponte” para um caminho que inevitavelmente levaria à oralização. “Juan Pablo Bonet, aproveitando o trabalho iniciado por León, foi estudioso dos surdos e seu educador. Escreveu sobre as maneiras de ensinar os surdos a ler e a falar, por meio do alfabeto manual. Bonet proibia o uso da língua gestual, optando o método oral” (Figueira, 2011, p. 323).

O primeiro educador a reconhecer que os surdos poderiam se comunicar sem necessariamente falar foi o padre francês Charles Michel L’Epée, fundador do Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Seu método foi introduzido nos Estados Unidos por Thomas Gallaudet, resultando na fundação da Universidade Gallaudet em 1864, a primeira instituição de ensino superior para surdos do mundo.

O ano de 1880 marcou um momento crucial para a comunidade surda. Em Milão, na Itália, ocorreu o 1º Congresso Mundial dos Surdos. Nesse congresso, decidiu-se que os surdos deveriam ser oralizados, pois muitos acreditavam que a língua de sinais tornava os surdos “preguiçosos” e, conseqüentemente, não incentivava a aprendizagem da fala.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) teve seu desenvolvimento no século XIX, quando entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) por meio do professor surdo francês Eduard Huet. Huet chegou ao país em 1855, a convite do imperador D. Pedro II, e fundou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, que hoje é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e continua em atividade.

O primeiro educador a reconhecer que os surdos poderiam se comunicar sem necessariamente falar foi o padre francês Charles Michel L’Epée, fundador do Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Seu método foi introduzido nos Estados Unidos por Thomas Gallaudet, resultando na fundação da Universidade Gallaudet em 1864, a primeira instituição de ensino superior para surdos do mundo.

O ano de 1880 marcou um momento significativo para a comunidade surda. Em Milão, na Itália, ocorreu o 1º Congresso Mundial dos Surdos. Nesse congresso, decidiu-se que os surdos deveriam ser oralizados, pois muitos acreditavam que a língua de sinais tornava os surdos “preguiçosos” e, conseqüentemente, não incentivava a aprendizagem da fala.

No Brasil, a Libras teve seu desenvolvimento no século XIX, quando entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) por meio do professor surdo francês Eduard Huet. Huet chegou ao país em 1855, a convite do imperador D. Pedro II, e fundou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, que hoje é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e continua em atividade. “O oralismo usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral. Ele percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada por meio da estimulação auditiva” (Goldfeld, 1997).

A comunidade surda brasileira, ao longo dos anos, tem demonstrado uma união cada vez mais sólida. Isso é evidenciado pela fundação de entidades de classe de grande

relevância política, como a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), criada em 1987. Durante a década de 1990, essa comunidade empenhou-se em uma luta significativa que visava a oficialização da Língua Brasileira de Sinais e a formação de intérpretes qualificados. Essa batalha resultou na promulgação da Lei nº 10.436, em 24 de abril de 2002. Esta lei reconheceu a Libras como um meio legal de comunicação e expressão, fortalecendo a identidade e a cultura da comunidade surda brasileira. Portanto, a trajetória da comunidade surda no Brasil é marcada por conquistas significativas na luta pelos seus direitos, culminando no reconhecimento legal da sua língua e cultura.

## **LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO DE SURDOS**

A inclusão da Língua Brasileira de Sinais como disciplina nos cursos de formação de professores, respaldada pelo Decreto Federal 5.626/05, representa uma significativa conquista para a comunidade surda (Brasil, 2005).

Instituições que adotam uma abordagem inclusiva no currículo, destacando a importância da Libras como disciplina, demonstram não apenas um compromisso com a equidade educacional, mas também um reconhecimento fundamental da diversidade linguística e cultural dos surdos, especialmente para os educadores que estarão envolvidos no ensino regular de crianças e adolescentes surdos. Esse reconhecimento é significativo, pois a qualidade do ensino de Libras desempenha um papel determinante na efetiva inclusão e no desenvolvimento acadêmico e social desses alunos (Brasil, 2005).

No entanto, apesar da regulamentação estabelecida pelo Decreto 5.626/05, ainda persistem lacunas importantes, como a ausência de diretrizes específicas quanto à carga horária destinada à disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. Esta lacuna resulta em uma variabilidade considerável na carga horária atribuída à disciplina em diferentes instituições de ensino, o que impacta diretamente na qualidade do ensino e na capacidade dos professores de adquirirem competências significativas em Libras. Além disso, a falta de definição clara dos conteúdos a serem abordados na disciplina

também representa um desafio, dificultando o estabelecimento de padrões de ensino consistentes e eficazes.

Dados do Censo 2022 revelam que aproximadamente 19 milhões de pessoas no Brasil possuem algum tipo de deficiência, sendo que 10,7 milhões apresentam deficiência auditiva. É alarmante observar que apenas 7% dessas pessoas têm acesso ao ensino superior. Essa disparidade ressalta a urgência de se promover uma educação inclusiva e acessível para os surdos, garantindo-lhes igualdade de oportunidades educacionais e de desenvolvimento profissional (Brasil, 2022).

A predominância de alunos ouvintes no ensino superior contribui para a perpetuação de barreiras linguísticas e sociais enfrentadas pelos surdos. A aprendizagem da Libras, uma língua de modalidade visuoespacial, pode ser desafiadora para alunos acostumados com uma abordagem predominantemente auditiva da linguagem. Essa dificuldade é corroborada por estudos como o de Ferreira (1993), que destacam as resistências encontradas por alguns alunos na aprendizagem de uma língua manualmente articulada.

Não obstante, a falta de compreensão e valorização da Libras por parte da comunidade acadêmica, ignorando as vantagens do bilinguismo defendidas por Lacerda (1998), representa um obstáculo adicional para a efetiva inclusão dos surdos no ambiente educacional. A implementação de políticas e práticas que promovam o bilinguismo e a valorização da Libras, aliada a um investimento significativo na formação de professores e na padronização do ensino da língua, são passos cruciais para superar essas barreiras e garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa para todos os alunos, independentemente de sua condição auditiva.

Além das questões relacionadas à regulamentação e implementação do ensino de Libras, é fundamental considerar o impacto psicossocial da surdez e suas implicações no processo educacional. A surdez não é apenas uma diferença sensorial, mas também uma identidade cultural e linguística que influencia a forma como os indivíduos surdos se relacionam com o mundo ao seu redor. Ou seja, é essencial que os educadores estejam cientes das especificidades da comunidade surda e capacitados para oferecer um ambiente de aprendizagem inclusivo e respeitoso.

Nesse sentido, a promoção do bilinguismo, que envolve o domínio tanto da língua de sinais quanto da língua oral, emerge como uma abordagem pedagógica eficaz para garantir o pleno desenvolvimento linguístico e cognitivo dos alunos surdos. Estudos têm demonstrado os benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos surdos, possibilitando-lhes acesso a uma gama mais ampla de conhecimentos e oportunidades.

Ademais, é importante destacar a necessidade de adaptações curriculares e estratégias de ensino que levem em consideração as diferentes formas de comunicação e aprendizagem dos alunos surdos. Isso inclui o uso de recursos visuais, como materiais didáticos e tecnologias assistivas, bem como a promoção de atividades práticas e interativas que permitam aos alunos vivenciar e aplicar os conceitos aprendidos em Libras.

Por fim, a formação contínua dos professores e o incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas são aspectos essenciais para a efetivação de uma educação de qualidade para todos os alunos. Ao reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural dos surdos, podemos construir uma sociedade mais inclusiva, equitativa e democrática, onde todos tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial plenamente, independentemente de suas habilidades auditivas.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A metodologia deste estudo ocorre a partir do relato de experiência, representa uma abordagem qualitativa que busca descrever e analisar eventos específicos dentro de um contexto particular. Segundo Cavalcante e Lima (2012, p. 96), esta técnica é definida como “uma ferramenta descritiva de pesquisa que reflete uma ação ou um conjunto de ações para abordar uma situação vivenciada em uma área profissional de interesse da comunidade científica”.

Os relatos de experiência oferecem uma visão detalhada e contextualizada de eventos, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados. Além disso, é importante ressaltar que os relatos de experiência oferecem uma perspectiva



única e contextualizada, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos observados. Por meio da narrativa detalhada dos eventos, é possível identificar padrões, tendências e nuances que podem passar despercebidos em estudos puramente quantitativos.

No contexto da pesquisa qualitativa, os relatos de experiência são frequentemente utilizados para complementar outras metodologias, como revisão bibliográfica, observações e análise documental (Gil, 2002). Eles fornecem uma oportunidade para os participantes compartilharem suas vivências e perspectivas de forma direta e autêntica, enriquecendo assim a compreensão do fenômeno em estudo.

A partir desta metodologia, o relato de experiência abordado pode ser observado em um estudo realizado durante um curso de graduação em Pedagogia em Minas Gerais, onde os participantes eram alunos ouvintes e a professora era surda. Esta experiência prática revela não apenas os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem da Língua de Sinais, mas também as estratégias adotadas para superar esses desafios e promover uma comunicação eficaz entre os diferentes grupos linguísticos.

## **PERSPECTIVAS E PERCEPÇÕES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A experiência ocorreu durante o curso de licenciatura em Pedagogia em Ouro Branco/MG, em uma universidade federal, que tem em média 50 alunos por ano neste curso. A disciplina de Libras é ministrada por uma professora surda, sendo presente na grade curricular durante quase todos os períodos. Nas aulas, a professora era assistida por uma intérprete de Libras conforme necessário.

Os alunos, sendo ouvintes, demonstraram certo preconceito em relação à professora, devido à não familiaridade com uma língua de modalidade visual-espacial, o que frequentemente prejudicava a atenção da turma ao conteúdo ensinado. O comportamento dos alunos, muitas vezes distraídos com conversas e uso de celulares, exigia que a professora interviesse, por vezes, acendendo e apagando as luzes para chamar a atenção.

A professora demonstrava atenção a todos os alunos, com habilidade oral desenvolvida desde a infância, o que facilitava a comunicação com aqueles que não buscavam aprender Libras e a solicitavam a oralização. Ao iniciar as aulas, no segundo período, já era perceptível o preconceito, a falta de interesse e a desmotivação dos alunos. Poucos tinham conhecimento do alfabeto em Libras naquele momento.

Durante suas aulas, a professora buscava preparar material visual para que os alunos pudessem praticar a visualização, além de aprender sobre cultura, identidade surda e participar de atividades em grupo, como gravação de vídeos e até mesmo receitas para aprender diferentes sinais. O curso, com duração de 4 anos, tinha como objetivo instruir os alunos sobre Libras, sinais e história, mas apenas alguns demonstravam real interesse em aprender. A complexidade da Libras ultrapassava o conteúdo abordado no curso, exigindo estudo contínuo.

Um grande desafio era o baixo interesse em aprender na sala de aula, o que contribuía para a desmotivação, especialmente da professora, que esperava o contrário: aproveitar a oportunidade de aprender Libras diretamente com uma pessoa surda, dado o pouco contato direto com a comunidade surda.

Durante as aulas, a professora enfrentava diversos desafios, como manter a disciplina, despertar o interesse dos alunos pela Libras e superar barreiras, como a percepção dos alunos de que a língua era difícil. O material utilizado incluía ensino de história, cultura, sinais de cumprimento, verbos e conteúdos relacionados à educação. O principal desafio residia na falta de orientações claras sobre o que ensinar e o planejamento de aulas, tornando o ensino dessa disciplina desafiador.

Outro desafio era a comunicação da professora com os colegas de trabalho, alguns dos quais tinham conhecimento básico de Libras e outros não. Além disso, havia casos em que os colegas preferiam se comunicar com a intérprete para que ela intermediasse a comunicação com a professora, impedindo o diálogo direto.

## **DISCUSSÕES E REFLEXÃO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

O presente relato evidencia as dificuldades de comunicação em sala de aula entre falantes de duas línguas distintas, sendo a Libras, uma língua de modalidade

espaço-visual, ensinada por uma professora surda a estudantes ouvintes, com a presença do Tradutor Intérprete de Libras para garantir a acessibilidade entre professora e estudantes. Vale ressaltar a importância de aprender uma segunda língua com um usuário nativo, no entanto, observa-se resistência dos estudantes em se esforçarem para aprender Libras com uma professora surda, o que reforça o preconceito linguístico e demonstra, de certa forma, capacitismo diante de suas atitudes em sala de aula.

Infelizmente, a influência do poder ouvintista prejudica a construção da identidade surda, evidenciando que as identidades surdas assumem formas multifacetadas devido às fragmentações a que estão sujeitas diante da presença do poder ouvintista, que impõe regras, inclusive, encontrando no estereótipo surdo uma resposta para a negação da representação e da identidade surda ao sujeito surdo (Figueira, 2011, p. 42).

A professora, que conta com a presença do Tradutor Intérprete de Libras, dispensa o serviço em alguns momentos para tentar um contato maior da turma com a Libras, estratégia considerada rica para o ensino de uma segunda língua.

Constata-se a dificuldade de interação dos estudantes com a professora surda, oferecendo certa resistência e desconsiderando o papel educacional dela em sala de aula. Lodi (2015, p. 43) destaca que:

Pensar nas diferenças sugere que ultrapassemos nossas fronteiras. Isso significa que o sujeito, ao cruzar alguma fronteira, é percebido pelos outros como um estrangeiro, por mais que não queira ser considerado assim. Os ouvintes sempre serão ouvintes, assim como os surdos sempre serão surdos. Isso não impede que o diálogo e a busca por entendimento objetivem a reconstrução do estado social, que deve acontecer em conjunto.

O relato remete a um tempo que não traz boas lembranças, no qual não se reconhecia a língua de sinais como meio de comunicação e expressão do surdo. Era uma época de incompreensão e preconceito, onde a surdez era vista mais como uma deficiência a ser corrigida do que uma diferença a ser respeitada. A falta de reconhecimento da língua de sinais resultava em uma barreira de comunicação que isolava ainda mais a comunidade surda.

[...] considerando a educação como um campo de avanços e retrocessos para as gerações de surdos ao longo da história. Foi por meio da educação que as pessoas com surdez ocuparam espaços sociais, conquistando direitos antes inalcançáveis. No entanto, foi também nesse mesmo espaço que direitos cruciais, como o de usar a língua de sinais, foram vetados (Gomes e Souza, 2022, p. 48).

Como afirma Gesser (2009, p.67), construída na perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade, onde o “normal” é ouvir, a surdez é estigmatizada dando espaço para a construção dos preconceitos sociais, neste caso a surdez é vista pela ótica da medicina e fica mais difícil pensá-la como diferença.

O ensino da Língua Brasileira de Sinais é para muitos a porta de acesso à comunicação. É vislumbrar novas possibilidades, derrubar barreiras e alcançar o outro, permitindo-lhe expor suas ideias, emoções e participar de fato e de direito da sociedade em que vive, respeitando-se o seu lugar de fala e, acima de tudo, os limites da condição humana.

A discussão sobre a educação inclusiva se torna fundamental diante dessas reflexões. A inclusão escolar não se trata apenas de garantir a presença de alunos com deficiência nas salas de aula, mas também de criar ambientes verdadeiramente acessíveis e acolhedores, onde todos os estudantes possam aprender e se desenvolver em igualdade de condições. Isso requer não apenas adaptações físicas, mas também uma mudança de mentalidade por parte de toda a comunidade escolar.

É preciso promover a valorização da diversidade e o respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando as diversas formas de comunicação e expressão, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais. Além disso, é fundamental investir na formação de professores para que estejam preparados para lidar com a diversidade presente em suas salas de aula, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade.

A educação inclusiva não se trata apenas de uma questão de justiça social, mas também de enriquecimento para toda a comunidade escolar. Ao promover a inclusão, estamos construindo uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, onde todos têm o direito de participar e contribuir de acordo com suas capacidades e potencialidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É sabido que ao longo da história, os surdos têm sido alvo de preconceitos que reforçam a ideia de limitação e incompletude. A partir de uma visão que associa a surdez a esses conceitos, diversas formas de violência foram cometidas contra essa comunidade, incluindo a exclusão social, proibição do uso da Língua de Sinais, segregação em instituições específicas e a implementação de “escolas bilíngues” que não atendem de forma adequada às necessidades educacionais dos surdos. Portanto, é evidente que, ao longo do tempo, o preconceito tem sido uma realidade constante na vida dos surdos.

Este estudo é considerado relevante em termos de contribuição acadêmica e social. Os profissionais da educação e a sociedade em geral devem reconhecer a realidade das pessoas com deficiência auditiva, esforçar-se para conhecer a sua história, respeitar os seus direitos e reconhecer que são pessoas comuns que vivem com as limitações da sua deficiência, mas que conseguem produzir, aprender, interagir, viver em sociedade e garantir o seu lugar. A sociedade ainda tem preconceitos. O trabalho é conscientizar para que os surdos são iguais a todas as outras pessoas, apesar de suas limitações.

Como a Libras é tão importante para a educação de surdos, é um recurso inestimável para os alunos da pedagogia, para que no futuro possam interagir e socializar dentro e fora da sala de aula. Há necessidade de uma educação que priorize a reflexão sobre a constituição de preconceitos, para permitir julgamentos corretos e novas experiências, libertando-se do caráter rígido desse fenômeno. Uma educação instigante pode perturbar e desafiar estereótipos. Quando nos concentramos em uma perspectiva tendenciosa, nos tornamos um alvo. Portanto, devemos pensar em abrir novos julgamentos, em detrimento daqueles que se apegam ao passado, bem como incentivar a experiência.

Apesar dos avanços que permeiam a educação de surdos, de direitos reconhecidos por leis, o acesso à informação precisa atingir uma parcela muito maior da população, inclusive nos meios educacionais. É imprescindível a sensibilização às causas humanas, o reconhecimento e valorização da identidade cultural da pessoa surda

e o respeito às diferenças. O processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla, é troca, porém faz-se necessário estarmos acessíveis a isso, quando acessibilidade transcende as barreiras arquitetônicas e exige desbloqueios atitudinais, onde o olhar humano e a empatia possibilitam o crescimento mútuo, já que educação é elo e todos têm sua parcela de contribuição a ofertar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei 10.436 de 22 de abril de 2002.** Reconhece a Língua Brasileira de Sinais, Libras. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 28 abr. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005, 184º da Independência e 117º da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 28 abr. 2024

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2022.** 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CARVALHO, Paulo Vaz. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal.** Lisboa: Surd'Universo. 2007. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php/saje/article/viewFile/25043/index.php?ps=biblioteca&idt=liv&cat=31&idbib=98>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal Nurs Health**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan/jul 2012.

FERREIRA, Lucinda Brito. **Integração Social e Educação de Surdos.** Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/download/8639021/6616>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FIGUEIRA, Alexandre dos Santos. **Material de apoio para o aprendizado de Libras.** São Paulo: Phorte, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo, Parábola, 2009.

ROCHA, Rícael Spirandeli. **INCLUSÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE PROFESSORES SURDOS E ESTUDANTES OUVINTES.**

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Editora Atlas SA, 2002.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GOMES, Josseany Campos; SOUZA, Fábio Marques de. **Crenças a respeito do processo de ensino-aprendizagem de Libras.** São Paulo, Mentis abertas, 2022.

HONORA, Márcia. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LACERDA, Cristina BF. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 68-80, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007). Acesso em: 28 abr. 2024.

LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**, Porto Alegre, Mediação, 2015.

STROBEL, Karin. **Surdos:** vestígios não registrados na história. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

Recebido em 27/05/2024

Aprovado em 29/09/2024